

ERA UMA VEZ OUTRA VEZ...¹

João Victor Souza Campos (UEPA)²

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que objetivou a construção de um produto educacional tendo por foco o ensino da literatura. A pesquisa foi do tipo explicativa, com abordagem quanti-qualitativa subsidiada pelas ideias de autores como, Cosson (2021), Zilberman (2012), Abramovich (1997), Coelho (1987), dentre outros e norteada pela questão “será que o uso da sequência didática contribuirá para a melhoria do desenvolvimento do letramento literário?”. A pesquisa teve como *locus* a Escola de Ensino Fundamental “Santa Teresinha” localizada no município de Castanhal-PA e como sujeitos os alunos 6º ano do Ensino Fundamental; abrangeu fases como: planejamento, observação do *locus* da pesquisa, construção e aplicação do Produto Educacional, análises dos dados obtidos nas fases de observação e aplicação e validação dos resultados.

Palavras-chave: Letramento literário. Ensino de literatura. Contos de fadas.

ABSTRACT: This article presents the results of a research that aimed to build an educational product focusing on the teaching of literature. The research was of the explanatory type, with a quantitative-qualitative approach subsidized by the ideas of authors such as Cosson (2021), Zilberman (2012), Abramovich (1997), Coelho (1987), among others, and guided by the question "will the use of the didactic sequence contribute to the improvement of the development of literary literacy?". The research had as locus the Elementary School "Santa Teresinha" located in the municipality of Castanhal-PA and as subjects the students 6th grade of Elementary School; It encompassed phases such as: planning, observation of the research locus, construction and application of the Educational Product, analysis of the data obtained in the observation phases and application and validation of the results.

Keywords: Literary literacy. Literature teaching. Fairy tale.

Como conheci os contos de fadas?

*T*odo³ mundo já ouvira pelo menos um conto de fadas na vida... Essas histórias maravilhosas que começam com o famoso “Era uma vez...” e finalizam com “e viveram felizes para sempre”. Geralmente bem açucaradas, essas histórias fazem parte do universo infantil, e como a maioria das crianças, também fizeram parte do meu.

Lembro como se fosse ontem, quando a professora do jardim de infância nos reunia num círculo e nos contava incríveis histórias sobre animais que falavam, crianças que eram abandonadas em florestas ou que eram desobedientes e paravam para falar com estranhos que encontravam e que acabavam se dando mal... Lembro bem do medo que sentira da bruxa que

¹ Orientadora: Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos. Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Pará. E-mail: renilda.bastos@uepa.br

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Pará. E-mail: joaocampos.cam@gmail.com

³ A letra capitular será utilizada em alusão à escrita tradicional dos contos de fadas.

poderia me transformar num sapo, assim como lembro bem da alegria que sentia quando uma princesa finalmente era resgatada, mas confesso que achava estranho o fato de alguém amar instantaneamente outra pessoa que acabara de ver, porém a professora sempre nos dissera que era amor à primeira vista – verdade inquestionável. Todavia, esse não fora o único contato que tive com os contos de fadas.

De quando em quando, a professora fazia algo que eu amava: levava uma televisão imensa, com rodinhas, para a sala de aula e colocava alguns filmes produzidos pelos estúdios *Disney* como *A Pequena Sereia*, *Cinderela*, *A Bela e a Fera*, *A Branca de Neve*, *O pinóquio* e muitos outros... Provavelmente devo ter assistido a todos os clássicos produzidos até então. Muitos anos depois, já na Faculdade de Letras, tive contato novamente com os contos de fadas através do mágico *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Aquilo me encantou a tal ponto de sentir a mais profunda necessidade de conhecer a fio aqueles seres encantados.

E foi aí que conheci a Santíssima Trindade dos contos maravilhosos: Perrault-Grimm-Andersen. É claro que há muitos outros compiladores ou escritores que não citei, e que têm tanta importância quanto estes, entretanto nestas breves páginas, me deterei ao ofício que eles tiveram no passado, com um diferencial: contarei suas histórias, não como um compilador, apenas como pesquisador, admirador e recriador. E a todos os contadores do passado, ainda que suas histórias possam ter sido marcadas pela triste penúria, na minha história – nas histórias que meus alunos conheceram e conhecerão – todos vocês sempre terão um lugar especial em nossos corações e aqui vocês viverão felizes para sempre.

Antes que esqueça, o amor pelos contos de fadas transfigurou-se nesta pesquisa, e seu encanto resultou num Produto Educacional chamado “Em um reino não tão distante” – onde a magia acontece – a escola. Também saliento que a pesquisa realizada foi subsidiada pelas ideias de Cosson (2021) acerca do letramento literário; Zilberman (2012), sobre a importância da leitura literária na escola; Abramovich (1997) que discute as práticas de leitura; Coelho (1987) sobre a conceituação do que é conto de fadas e dentre outros autores.

1. Pondo os ingredientes no caldeirão

A magia ocorrera na Escola de Ensino Fundamental “Santa Teresinha”, localizada no município de Castanhal-PA, pertencente a rede privada de ensino. Escolhi este *locus* por conta de ser meu local de trabalho, no qual foi possível realizar as observações necessárias para o desenvolvimento de um Produto Educacional que auxiliasse as aulas de Língua Portuguesa e Redação.

Os sujeitos da pesquisa, ou melhor, os aprendizes, foram os discentes da turma de 6º ano do Ensino Fundamental, pois suponho que o processo de letramento literário deva ocorrer no momento em que os alunos chegam no Ensino Fundamental II (séries finais – do 6º ao 9º ano).

O encanto tratou-se de uma pesquisa-ação, tendo por método a observação e abordagem quanti-qualitativa. A técnica para coleta dos dados foi direta, utilizando pesquisa de campo, questionário e produções semiótico-textual. Por intermédio do questionário etnográfico, foi possível revelar o nível de conhecimento dos alunos em relação ao gênero literário “conto de fadas”.

Os dados coletados foram qualitativos, isto é, representações semióticas (desenhos) relacionados às histórias e/ou personagens dos contos de fadas, bem como a tessitura deles, os quais foram apresentados em sala de aula; e quantitativos primários, em relação à quantidade de elementos semelhantes contidos nos questionários e nas produções semiótico-textuais.

A técnica de análise consistira em analisar as produções desenvolvidas em sala de aula, por via dos desenhos feitos pelos alunos e as (re)escritas dos contos de fadas clássicos em suas versões originais.

2. Como a magia é tratada?

*N*os reinos não tão distantes do Brasil afora, nossa magia, a literatura no Ensino Fundamental, ao longo dos anos, sempre foi diluída nas aulas de Língua Portuguesa das escolas brasileiras, isto é, fora tratada de maneira negligenciada, em que, na maioria das vezes, excertos descontextualizados são analisados na lousa e/ou nos livros didáticos, e devido a isso, o letramento literário tornou-se um processo bastante complexo por conta da falta da leitura ou, até mesmo, pela aversão a ela.

Além disso, o ensino da literatura na escola sempre foi pauta de inúmeras discussões no âmbito acadêmico, na maioria das vezes relacionadas ao que e como ensinar essa disciplina, contudo antes de se pensar em ensinar algo é necessário saber o que esse algo é, ou seja, o que é literatura.

A definição desse campo de estudo não é tão claro quanto as outras ciências, pois o seu objeto de investigação – o texto literário – não é tão fácil de se delimitar, ao passo que, ao fazer isso, geralmente implica noutra indagação: o que torna um texto literário? A esta pergunta normalmente, o professor da educação básica tende a respondê-la com os seguintes aspectos: texto com uso erudito na língua escrita, presença de ficcionalidade, texto canônico e mercadológico (Durão; Cechinel, 2022). Ora, tentar definir a literatura por meio desses aspectos

acarreta um equívoco, uma vez que o aspecto que determina o que é literatura nada mais é do que sua literariedade⁴.

Ainda que o ensino de literatura esteja pautado em documentos oficiais como a LDB 9394/96, os PCNs (1999) e a BNCC (2018), ainda é um campo que está à margem no que concebe o ensino da língua. Na realidade, o que se nota é que este ensino está defasado, cristalizado, imbuído num tradicionalismo que mais atrapalha do que ajuda no processo de letramento literário, porque ao estudar apenas os aspectos tradicionais (como nome de obras canônicas, autores canônicos, períodos literários e suas características, além de pequenos excertos, sem a devida contextualização, sendo analisados em livros didáticos e/ou na lousa) o aluno deixa de experimentar a “cereja do bolo” – os sentidos do texto literário.

2.1 Onde o encanto falhara?

A literatura tornou-se um saber escolarizado, resumindo-se a caracterização de períodos literários e nomes de autores do cânone. Nessa perspectiva, a Literatura é vista como uma disciplina enfadonha, que ao invés de explorar todos os sentidos de uma obra literária, trata apenas de questões que deveriam estar em segundo plano. Na verdade,

A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (Cosson, 2021, p. 23).

Sendo assim, a literatura deve ser vista como uma expressão da realidade e dos condicionamentos presentes na sociedade, que por seu turno estabelecem uma relação dialética entre ela e o leitor.

Partindo dessa perspectiva, Barthes (1978, p. 17-18) corrobora ao afirmar que “É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real”.

Dessa forma, a escola deve(ria) estimular, seja de forma silenciosa, seja através da oralidade, a leitura literária, visto que essa prática propicia ao aluno um contato com o universo da literatura, a qual possibilita uma ampla significação do texto e do mundo, sendo assim,

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos

⁴ Relação decorrente da singularidade e consistência convidativa à exploração dos sentidos que uma obra literária apresenta.

necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (Cosson, 2021, p. 30).

Esses aspectos relacionados aos tipos de leitura de textos literários de maneira direcionada em sala de aula ou autônoma têm a mesma função social: a natureza formativa do educando (Zilberman, 2012). Cabe, então, à escola e ao professor utilizarem a literatura como uma aliada no processo formação integral do aluno, pois é através da leitura literária que os discentes desenvolverão a consciência crítica em relação à sociedade a qual pertencem.

Isto posto, Cosson (2021) afirma que o letramento literário é a junção entre o prazer da leitura autônoma e a leitura direcionada, também podendo ser considerada um processo solitário, mas nunca deixando de ser solidário. Sendo assim, o autor afirma que

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura literária, que não faz sem o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda experiência estética, é o que denominamos aqui de letramento literário (Cosson, 2021, p. 120).

Machado (2002) corrobora essa definição ao afirmar que

Ler uma narrativa literária (como ninguém precisa ensinar, mas cada leitor vai descobrindo à medida que se desenvolve) é um fenômeno de outra espécie. Muito mais sutil e delicioso. Vai muito além de juntar letras, formar sílabas, compor palavras e frases, decifrar seu significado de acordo com o dicionário. É um transporte para outro universo, onde o leitor se transforma em parte da vida de um outro, e passa a ser alguém que ele não é no mundo cotidiano (Machado, 2020, p. 77).

Sendo assim, utilizarei o conceito de Cosson (2021) e Machado (2002) como definição de letramento literário. Cabe ressaltar, no entanto, que esse processo vai além da simples leitura de textos literários. Ser letrado é fazer uso da literatura de maneira crítico-social, sem deixar de lado o aspecto frutivo, autônomo, solidário e prazeroso proporcionados pela leitura.

2.2 Acrescentando mais um ingrediente: a leitura

 onforme a literatura, a leitura é um aspecto fundamental para a formação integral do ser humano, pois é por meio dela que o indivíduo consegue compreender e significar a sociedade a qual pertence.

Segundo Abramovich (1997, p. 16), “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”. Partindo dessa perspectiva, o primeiro contato com o texto se dá oralmente, quando alguém conta uma história para a criança, normalmente contos de fadas ou mesmo histórias inventadas, podendo ter um ou vários personagens. A cada vez que uma história é

contada, aumenta a vontade de conhecer mais e mais sobre aquelas narrativas, ou outras semelhantes, ou mesmo diferentes. O gosto pela leitura normalmente nasce assim, pela ânsia de mais conhecimento. Cada livro é um portal para um novo lugar. A leitura é a chave desse portal.

Logo, a leitura não deve ser vista apenas como um mero processo de decodificação, pois ela vai muito além do ato de decodificar algo, ela é capaz de abranger a significação e os sentidos presentes em um dado enunciado, isto é, possibilita a compreensão da mensagem codificada e sua interpretação.

Em vista disso, ao discutir sobre a leitura na escola, Abramovich (1997) apresenta ao leitor uma reflexão sobre as práticas escolares. E, segundo ela,

Tudo bem... A literatura infanto-juvenil foi incorporada na escola e, assim, imagina-se que – por decreto – todas as crianças passarão a ler... Até poderia ser verdade, se essa leitura não viesse acompanhada da noção de dever, de tarefa a ser cumprida, mas sim de prazer, de deleite, de descoberta, de encantamento (Abramovich, p. 140, 1997).

É preciso entender que a leitura não deve ser uma prática mecânica com data para iniciar ou terminar. Não é possível estipular o prazo da fruição. Cada criança, cada leitor, tem seu tempo para experimentar, experienciar, aproveitar a leitura. Essa prática deve ser prazerosa, não uma punição. Formar leitores é respeitar o tempo e ritmo de cada um. Formar leitores é permitir que a leitura os faça voar. Leitura é diversão.

Além disso, a autora afirma que

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo (Abramovich, p. 143, 1997).

A leitura possibilita conhecer. A partir dela, o aluno torna-se mais crítico em relação ao que leu, podendo ler mil vezes o mesmo texto por prazer, ou não querer mais contato com determinado texto porque não gostou. Essas percepções só são adquiridas no instante em que o leitor descobre a obra.

Isto posto, é possível afirmar que a leitura é um ato fundamental para a formação do ser humano, pois através dela, o homem é capaz de compreender os mecanismos discursivos presentes na sociedade, além de ser parte fundamental do processo de letramento. Ademais, para que ela seja uma prática atraente para os alunos é necessário que o professor propicie maneiras diversificadas de se abordar a leitura, levando em consideração seus aspectos literários, pedagógicos e sociais.

Infelizmente, a pedagogia tradicional acaba por negligenciar a leitura, pois dita normas de como, quando e onde fazê-la, bem como o que se tirar dela, e os alunos afastam-se do mundo mágico da literatura. Por esse motivo, a leitura na escola, quando não trabalhada de maneira que contemple os outros aspectos, além dos que são cobrados, tende-se a tornar uma prática enfadonha.

Outro aspecto importante e que está atrelado à leitura é a recepção do texto literário, em especial os contos de fadas. Textos esses que possibilitam ao leitor inúmeras interpretações, principalmente aqueles textos que não sofreram muitas adaptações a partir de Charles Perrault. São textos que apresentam uma atmosfera sombria, diferente do que se conhece na atualidade. Então, quando o estudante tem contato com esses textos, a curiosidade propicia interpretações, de acordo com o imaginário e abstração do leitor. Sendo assim,

[...] não se pode entender a hermenêutica literária fora do quadro da experiência propiciada pela obra de arte, quando acontece o efeito estético. Este, conforme se viu, compõe-se de dois fenômenos simultâneos: a compreensão fruidora e a fruição compreensiva. O prazer estético conta de antemão com um componente intelectual, a ser descrito por uma abordagem de tipo hermenêutico (Zilberman, 1989, p. 63-64).

A autora ainda ressalta que

Todavia, cumpre distinguir entre duas modalidades de relacionamento entre o texto e o leitor: de um lado, ao ser consumida, a obra provoca determinado efeito [*Wirkuns*] sobre o destinatário; de outro, ela passa por um processo histórico, sendo ao longo do tempo recebida e interpretada de maneiras diferentes – esta é sua recepção [*Rezeption*] (Zilberman, 1989, p. 64. Grifos da autora).

Dessa forma, a literatura infantil exerce um importante papel na formação do ser humano, porque permite à criança a possibilidade de percepções. A cada livro, uma nova aventura acontece. E tudo bem se não gostar de uma ou outra história. A literatura é infinita e há espaço para todos que queiram dela desfrutar.

3. Os contos de fadas

Havia vários textos ao longo da história da humanidade. Estes que se conhecem na atualidade como “contos de fadas” nasceram de um livro chamado *Contes de Fées* (1698), de Mme. D’Aulnoy. Logo, essa nomenclatura tornara-se popular pela França do século XVII, sendo assim, o título de um livro acabara nomeando todo um gênero literário. Ainda que nem todos os contos tragam a personagem “fada” em suas histórias, esse termo servira para classificar todas as histórias maravilhosas advindas da tradição oral camponesa e que foram compiladas e escritas por estudiosos como Charles Perrault, Os Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, dentre outros.

É importante destacar que para Coelho (1987), há uma diferença entre os Contos de Fadas e os Contos Maravilhosos. O primeiro, o Conto de Fadas, tem origem celta, podendo conter ou não a presença de fadas, mas sempre há a presença do maravilhoso, acontecendo no âmbito da magia feérica – com reis, rainhas, princesas, príncipes, ogros, fadas, bruxas, anões, gigantes etc. –, possuindo como eixo central uma problemática existencial, ou seja, as façanhas, os obstáculos ultrapassados, as provas vivenciadas estão fielmente ligados à união do herói e da heroína, do homem e da mulher. Já o segundo, o Conto Maravilhoso, origina-se das narrativas orais orientais, sem a presença de fadas, que acontecem no cotidiano mágico – com a presença de objetos mágicos, gênios, duendes, animais falantes, com tempo e espaço social familiar e/ou reconhecível –, possuindo como eixo central uma problemática social, isto é, associada à vida cotidiana concreta, geralmente ligada à autorrealização socioeconômica do herói ou anti-herói.

Cabe ressaltar que por mais exatas que sejam as versões escritas dos contos de fadas, elas não podem transmitir para o leitor todas as cargas semânticas que devem ter dado vida às histórias maravilhosas do século XVII, pois elementos como as pausas dramáticas, os gestos utilizados para criar cenas, a entonação da voz e os sons para pontuar certas ações são perdidas no momento em que perpassam da tradição oral para a escrita (Darnton, 2021).

Sendo assim, ao partir de uma problemática da realidade, os contos de fadas possibilitam às crianças adentrarem no universo maravilhoso para buscarem soluções para as questões relacionadas à sociedade, sem deixar de lado o aspecto principal: a fantasia. Além disso, eles proporcionam a (re)descoberta de sua identidade infantil e asseguram uma vida feliz apesar das possíveis adversidades (Nóbrega, 2009).

Há outro aspecto a ser tratado: Os contos de fadas são considerados clássicos. Além disso, poucas histórias alcançaram o patamar de universal. Entretanto, esses clássicos estão à margem do cânone literário, o que, conseqüentemente, nos leva a duas possíveis razões: a) essa literatura é inferior porque são destinadas ao público infantil; b) porque são destinadas ao público infantil, essa literatura é inferior. Seja qual das razões, ambas estão equivocadas e repletas de preconceito velado. O leitor infantil é tão sábio quanto o leitor adulto. Na verdade, a criança consegue abstrair conceitos, ideias, mensagens que os olhos adultos jamais conseguirão, pois seus olhos estão imaculados, enleados pela fantasia. Por isso, são descabidas as versões politicamente corretas dos contos de fadas. Na verdade, toda “literatura” que sofre esse expurgo, em nome do moralismo, da didática, da pedagogia, acarreta num aviltamento da sua beleza literária. A exemplo disso, “não atire o pau no gato...” não possui a mesma

expressividade de “atirei o pau no gato...” (Machado, 2002). A literatura educa por ela mesma, não há necessidade de moralismo.

3.1 Charles Perrault

ra uma vez um senhor acadêmico francês e burguês que fora considerado pai dos contos de fadas franceses, seu nome era Charles Perrault (1628-1703). Ele decidira escrever contos maravilhosos que encantaram a imaginação de várias pessoas e que continuam encantando até os dias de hoje.

Mas, em uma das sessões da Academia Francesa houve uma briga que ficara conhecida como *A Querelle entre les Anciens et les Modernes*, em outras palavras, uma “contenda literária que visaria a determinar qual das duas culturas, a antiga – dos gregos e romanos – ou a moderna – cristã, francesa e organizada em torno do rei –, deveria ser considerada a mais importante” (Bueno-Ribeiro, 2016, p. 22), tudo graças a um desentendimento entre Nicolas Boileau-Despréaux e Racine com Charles Perrault durante a leitura de um conto *A Marquesa de Salusses ou Paciência de Grisélidis*. Durante essa confusão, Boileau-Despréaux e Racine foram considerados antigos e Perrault moderno. A história conta que fora justamente por causa dessa posição que Perrault utilizara as narrativas do folclore francês como base para a escrita de seus contos.

Na verdade, ele se interessara pelos relatos maravilhosos, pertencentes ao folclore, e se propõe a redescobri-los (Coelho, 1987). Desse modo, ele acreditava que o modelo greco-romano de literatura deveria ser deixado de lado, e apostara em um modelo maravilhoso cristão. Fazendo jus ao título, Perrault soubera belamente atualizar a tradição greco-romana, substituindo os deuses da mitologia antiga por seres maravilhosos como fadas e ogros (Bueno-Ribeiro, 2016).

Seus contos, coletados da tradição oral de povos camponeses, foram divulgados entre os nobres da corte francesa, pois era amigo do rei Luís XIV. Inicialmente, ele escrevera contos em versos e *Pele de Asno* (1694) fora seu último escrito assim. Após esse conto, começara a escrever em prosa, e é nesse momento que nasce *A Chapeuzinho Vermelho (Le Petit Chaperon Rouge)*, *O Gato de Botas (Le Maître Chat Botté)*, *O Pequeno Polegar (Le Petit Poucet)*, dentre outros contos que fazem parte de sua coletânea, marcando o que se conhece hoje por Literatura Infantil, visto que fora endereçado às crianças (Bastos, 2015). Mesmo sendo direcionado às crianças, os contos de fadas apresentavam muita violência, maldade e crueldade, pois a concepção de “criança” na Idade Média era bem diferente da atualidade. Noutras palavras, por meio do “terror” acreditava-se “educar” os adultos em miniatura.

Após os acontecimentos da *Querelle*, Perrault lança uma antologia de contos chamada *Contos ou Histórias do tempo passado, com suas moralidades* (1697), e que posteriormente fora rebatizado de *Histórias da Mamã Gansa*, assinada por seu filho caçula, Pierre Darmancour, cujo teor dos contos pautava-se na moralidade da educação de jovens, sendo, portanto, uma maneira de afrontar Boileau (Bueno-Ribeiro, 2016).

3.2 Os Irmãos Grimm

ra uma vez dois irmãos, os alemães Jakob Ludwig Karl (1785-1863) e Wilhelm Karl (1786-1859), conhecidos como os irmãos Grimm. Os dois jovens, ao conhecerem em demasia a Literatura popular espanhola, sentiram a necessidade de conhecer a Literatura popular alemã, por isso começaram a estudá-la.

Os irmãos começaram seu trabalho de coleta no ano de 1806. Já em 1810, por conta de alguns problemas de saúde e financeiro, Jakob teve de trabalhar como bibliotecário particular, onde pôde ter contato com a literatura. Posteriormente, em 1812, os irmãos conseguiram publicar a primeira edição de *Kinderund Hausmärchen*. Segundo Darnton (2021), os Grimm não recolheram seus contos da tradição oral, mas leram de livros escritos por Perrault, d'Aulnoy dentre outros escritores. Entretanto, alguns estudiosos afirmam que os irmãos Grimm manipulavam as histórias oriundas das tradições orais (Bastos, 2015).

Por esse motivo, a primeira edição de seus contos de fadas apresenta narrativas muito semelhantes às de Perrault, com um toque particular alemão para “diferenciá-las”: as moralidades ficaram incrustadas na estrutura de suas histórias, além disso, muitas ganharam um tom mais açucarado por se tratar de histórias infantis. Tal tom açucarado se deve ao fato de que mudou a concepção de “criança”, ou seja, ela não mais era vista como um adulto em miniatura, como na Idade Média, mas uma pessoa que está nas primeiras etapas do desenvolvimento.

Ainda que os contos de fadas dos Grimm sejam uma “adaptação” dos contos de Perrault, não dá para negar que seu trabalho foi fundamental para a formulação do imaginário de quem conta e de quem ouve os contos, ou melhor, do contador de histórias e da criança que ouve, uma vez que essa tradição foi essencial para o desenvolvimento da literatura infanto-juvenil.

3.3 Hans Christian Andersen

m um reino muito distante, o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875) fora considerado um célebre escritor e que deixara uma grande obra literária, a qual encantou inúmeras pessoas tanto passado quanto no presente.

Mas nem sempre fora assim: quando publicara seus primeiros contos, os críticos enxovalharam de comentários ríspidos e maldosos, que fizeram com que ele quase desistisse de publicar seus contos, ainda que a população os recebesse de bom grado. Só muito tempo depois, recebera seu devido prestígio.

Suas obras transitam pela tradição oral e a escrita, pois além de contador de histórias ele também as escrevia. Não é à toa que seus contos de fadas são muitos famosos na atualidade.

Seus contos mais famosos são: *O patinho feio*, *O rouxinol e o imperador*, *O soldadinho de chumbo*, *A pequena sereia*, *Os sapatinhos vermelhos*, *A rainha das neves*, *O companheiro de viagem*, dentre outros. Suas produções totalizam cerca de 160 (cento e sessenta) contos publicados.

Sem dúvida, dentre os três artistas do universo dos contos de fadas, citados anteriormente, Andersen fora quem melhor experienciara as possibilidades de criação, uma vez que compilara e contara os contos já existentes, assim como criara suas próprias narrativas, de acordo com o contexto sociocultural a qual pertencia (Bastos, 2015). Não é à toa que no dia 02 de abril é comemorado o Dia Internacional do Livro Infantil, em alusão à data de nascimento de Andersen.

3.4 Os desenhos também são encantadores...

A natureza semiótica é algo atrativo nos contos de fadas, sejam nos clássicos ou mesmo nos contemporâneos, dado que esse gênero é, essencialmente, incorporado à literatura infanto-juvenil, e as representações iconográficas (ilustrações) possibilitam ao leitor adentrar, imaginar, visualizar a narrativa maravilhosa apresentada no texto literário.

Posto isto, Santaella (2008), ao basear-se nos postulados de Pierce, afirma que a Semiótica é a ciência dos signos, ou melhor, ciência de todas as linguagens, sendo elas: verbal, não verbal, gestual, imagética, musical etc. Ora, essas linguagens compõem todas as percepções presentes nas mais variadas formas de representar e significar o mundo.

Nesse trabalho será adotada a definição de signo postulada por Pierce e discutida por Santaella (2008), e segundo o qual:

[...] o signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade (Santaella, 2008, p. 12).

Essa definição corrobora a ideia de que a semiótica está presente em todas as manifestações sógnicas, visto que todas as linguagens são compostas por signos. Partindo, então, desse pressuposto, as ilustrações presentes nos contos de fadas são compostas por inúmeros signos, os quais representam os locais, os personagens, as histórias contidas nesse universo maravilhoso denominado “conto de fadas”, conforme a imagem a seguir a título de exemplo.

Imagem 01 – *Le Petit Chaperon rouge* (Chapeuzinho Vermelho)



Fonte: <https://tarjapretarte.wordpress.com/2011/09/01/ilustracoes-do-original-de-gustave-dore-para-os-contos-de-perrault/>

Como é possível observar, a ilustração consegue transmitir para o leitor parte dos acontecimentos presentes no conto *Chapeuzinho vermelho* sem que sejam necessárias as descrições oriundas das linguagens escritas. Logo, é possível compreender e, até mesmo, (re)criar o conto utilizando o princípio fundamental do signo, como mencionado anteriormente. Por esse motivo é comum, na infância, as crianças lerem livros puramente imagéticos, sem a presença de elementos codificados, e nem por isso deixam de compreender as mensagens contidas nesses tipos de livros. Isso acontece por conta de a imagem ser um signo, que por sua vez representa algo, e, este representar é capaz de fazer com que o leitor crie uma imagem mental acerca do que está sendo observado. Daí a importância das ilustrações dentro da literatura infanto-juvenil.

4. Para além do clássico...



s contos de fadas clássicos são os alicerces da minha pesquisa de mestrado, mas não poderia deixar de mencionar, ainda que o faça brevemente, os contos de fadas da atualidade⁵.

⁵ Refiro-me aos contos escritos após Andersen (1835).

Gostaria de começar por *Árvore e folha*, de J. R. R. Tolkien (1964)⁶. Neste ensaio, Tolkien apresenta a atmosfera feérica dos contos de fadas, embora ele denomine como “estórias de fadas”, os elementos maravilhosos desse mundo que está para além do nosso, revela-se como plano de fundo de suas criações famosíssimas. Em suas páginas, além da descrição de Feéria, o autor discorre sobre os contos de fadas não serem um gênero puramente infantil e faz uma ácida crítica a C. S. Lewis, que curiosamente utiliza os mesmos elementos em algumas de suas criações literárias. Nessa amalgama de elementos feéricos, encontra-se brilhantemente também J. K. Rowling, ao criar *Harry Potter e a pedra filosofal* (1997)⁷. Mesmo que se trate de *best sellers*, esses escritores, utilizaram, em menor ou maior grau, os elementos maravilhosos dos contos de fadas, por esse motivo chamarei suas obras de histórias de fadas.

Em nossa terra, outra brilhante escritora também criara seus contos de fadas: Marina Colassanti. De um ponto de vista feminista, tratando de temas sociais, Marina Colassanti encanta seus leitores com narrativas que remetem à Idade Média, sem deixar de lado sua sensibilidade e maestria. Em destaque, sua coletânea *Mais de 100 histórias maravilhosas* (2015)⁸, reúne trabalhos de mais de três décadas.

Na mesma pegada, com um viés feminista, Angela Carter também se destacara na contemporaneidade com a criação de seus contos de fadas, publicados em duas coletâneas sobre os títulos *The Virago book of fairy tales* (1990) e *The second Virago book of fairy tales* (1992)⁹.

É claro que não poderia faltar a menina que fica amarela de medo, que tem medo de tudo, até medo de sentir medo. Chico Buarque criara uma chapeuzinho brasileira, ou melhor, *Chapeuzinho Amarelo* (1970)¹⁰, que encanta até hoje inúmeros leitores.

Pedro Bandeira não quisera ficar para trás, ilustríssimo escritor, publicara *O Fantástico Mistério de Feiurinha* (1986), cuja narrativa trata do desaparecimento de uma princesa chamada Feiurinha. Por conta desse acontecimento, as principais princesas dos contos de fadas clássicos se reúnem para tentar encontrá-la. Algo um tanto quando parecido que ocorre em um filme dos estúdios *Disney*, em *Wi-fi Ralph: Quebrando a Internet* (2018).

E o que falar de Ruth Rocha? Brilhantíssima escritora, também lançara mão do “era uma vez”, criando *O Reizinho mandão* (1973)¹¹ e *Procurando Firme* (1984)¹². O primeiro conta a história de um príncipe mimado que assumira o trono e criara leis descabidas. Já o segundo

⁶ TOLKIEN, J. R. R. *Árvore e folha*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020.

⁷ ROWLING, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

⁸ COLASSANTI, Marina. *Mais de 100 histórias maravilhosas*. São Paulo: Global, 2015.

⁹ CARTER, Angela. *103 contos de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹⁰ BUARQUE, Chico. *Chapeuzinho Amarelo*. 40. ed. Belo Horizonte: Autêntica infantil e juvenil, 2017.

¹¹ ROCHA, Ruth. *O Reizinho mandão*. São Paulo: Salamandra, 2013.

¹² ROCHA, Ruth. *Procurando firme*. São Paulo: Salamandra, 2009.

conta a história de dois irmãos, um príncipe e uma princesa, que fizeram tudo o que a tradição mandava, tendo um narrador que dialoga, o tempo todo, com o leitor.

É cabível citar, também, as histórias infantis *Pinóquio*, *A bela e a fera*, *Peter Pan*, dentre muitos outros, cujas narrativas possuem elementos oriundos dos contos de fadas clássicos, ainda que não possuam a estrutura do gênero literário conto.

Sem dúvida, os contos de fadas clássicos serviram e ainda servirão de inspiração para a criação de novas histórias, que possibilitaram e possibilitarão o encanto de inúmeros leitores no Brasil e no Mundo.

Ainda há muitas e muitas histórias e contos de fadas para descobrir. Temo que uma vida não seja suficiente para tal façanha.

5. Em um reino não tão distante... O Produto Educacional

*E*m um reino não tão distante é o Produto Educacional (PE) desenvolvido, sendo este uma sequência didática, a qual subsidiará o processo de ensino-aprendizagem da Literatura no âmbito do Ensino Fundamental.

Observando do *locus* da pesquisa, foi possível identificar a necessidade de um suporte didático-metodológico que auxiliasse as aulas de Língua Portuguesa, Redação e Literatura, pois sabe-se que literatura é diluída, negligenciada no Ensino Fundamental das escolas brasileiras. Com isto, ao criar o PE, buscara suprir ou minimizar os impactos causados pela carência que a falta do ensino da literatura tem deixado.

Antes de propor a sequência didática, fora aplicado um questionário etnográfico – que será apresentado na próxima seção –, cujo objetivo era identificar o nível de conhecimento dos alunos acerca dos contos de fadas. Após essa aplicação e breve análise dos dados, desenvolver-se o PE descrito a seguir: Sequência Didática configurada em oito atividades, sendo cada uma composta por duas aulas de cinquenta minutos de duração, totalizando treze horas, trinta e três minutos e três segundos.

As duas primeiras atividades buscam apresentar para os alunos o gênero literário “Conto de Fadas”; a terceira e quarta atividades visam realizar uma oficina de leitura literária dentro e fora da escola; a quinta e a sexta são destinadas às produções semiótico-textuais feitas pelos alunos; as duas últimas objetivam revisar o estudo do gênero e avaliar o desempenho dos alunos em relação ao que foi estudado. Há ainda, na sequência didática, uma atividade, direcionada exclusivamente ao professor, a qual compreende a elaboração de uma coletânea contendo as produções textuais e semióticas dos alunos, devidamente organizada, editada e corrigida

ortograficamente pelo docente, podendo ser apresentada a posteriori à turma e à biblioteca da escola, se esta existir.

5.1 O que nos disseram? Descrição e análises dos dados

O processo de pesquisa demandara três momentos: observação, aplicação de questionário etnográfico e aplicação do PE. E, como mencionado anteriormente, o PE fora aplicado numa turma do 6º ano do Ensino Fundamental II. Esta seção do artigo consiste, pois, em analisar as produções literárias dos da turma em questão.

No primeiro momento, fora realizada uma observação no *lócus* da pesquisa, no que diz respeito ao espaço, aos livros didáticos utilizados e nos conteúdos dispostos na disciplina de Língua Portuguesa e Redação. Após essa observação, fora aplicado o questionário etnográfico na turma do 6º ano, com quantitativo de vinte e cinco alunos, a fim de levantar os primeiros dados da pesquisa, conforme a imagem a seguir:

Imagem 02 – Questionário etnográfico aplicado na turma do 6º ano do Ensino Fundamental II

Questionário do aluno

1. Você sabe o que é conto de fadas?
Sim () Não ()
2. Alguém já leu um conto de fadas para você?
Sim () Não ()
3. Consegue lembrar de algum personagem de um conto de fadas? Qual(is)?

_____ 
4. E das histórias? Consegue descrever brevemente alguma?

_____ 
5. Você já leu algum livro (contos de fadas, HQs, Gibis, etc.)?
Sim () Não ()
6. Na escola, você gosta de realizar leitura com os professores? Por quê?
Sim () Não ()
Porque, _____ 
7. Em casa, você costuma fazer alguma leitura?
Sim () Não ()
8. Você acha que tem dificuldade em realizar leituras (seja silenciosa ou em voz alta)?
Por quê?
Sim () Não ()
Porque, _____ 



Fonte: O autor, 2023.

A partir das respostas obtidas no questionário etnográfico, fora desenvolvido um PE que suprisse as necessidades dos alunos, em relação a produção e recepção de textos literários. Em outras palavras, que auxiliasse no processo de letramento literário.

O questionário possuía questões abertas e fechadas. Na primeira questão “Você sabe o que é conto de fadas?” – Todos responderam “sim”. Na segunda questão “Alguém já leu um conto de fadas para você?” – Todos responderam “sim”. Na terceira questão “Consegue lembrar de algum personagem de um conto de fadas? Qual(is)?” – Houve respostas como “Saci Pererê”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Cinderela”, “Malévola”, “Enrolados”, “Frozen”. A maioria das crianças preferira deixar em branco. Na quarta questão “E das histórias? Consegue descrever brevemente alguma?” – Apenas um aluno respondeu à questão com “então quando a princesa beija o sapo um lindo príncipe aparece”. O restante dos alunos preferiu deixar a questão em branco. Na quinta questão “Você já leu algum livro (contos de fadas, HQs, Gibis etc.)? – Quatro alunos responderam “sim” e vinte e um responderam “não”. Na sexta questão “Na escola, você gosta de realizar leitura com os professores? Por quê?” – Vinte alunos marcaram a opção “sim” e cinco a opção “não”, porém nenhum justificou o porquê. Na sétima questão “Em casa, você costuma fazer alguma leitura? – Três alunos responderam “sim” e vinte e dois responderam “não”. Na oitava questão “Você acha que tem dificuldade em realizar leituras (seja silenciosa ou em voz alta)?” – Vinte e três marcaram a opção “sim” e apenas dois marcaram a opção “não”. Algumas crianças que assinalaram a opção “sim”, justificaram ter vergonha ou não entenderem as palavras.

Quadro 01 – Questionário etnográfico respondido pelos alunos

Questionário do aluno

1. Você sabe o que é conto de fadas?
Sim Não

2. Alguém já leu um conto de fadas para você?
Sim Não

3. Consegue lembrar de algum personagem de um conto de fadas? Qual(is)?
Chapeuzinho Vermelho, Lobo Mal

4. E das histórias? Consegue descrever brevemente alguma?

5. Você já leu algum livro (contos de fadas, HQs, Gibis, etc.)?
Sim Não

6. Na escola, você gosta de realizar leitura com os professores? Por quê?
Sim Não
Porque, nessa apunharar minha leitura

7. Em casa, você costuma fazer alguma leitura?
Sim Não

8. Você acha que tem dificuldade em realizar leituras (seja silenciosa ou em voz alta)?
Por quê?
Sim Não
Porque, Tem varias palavras que eu não conheço

Questionário do aluno

1. Você sabe o que é conto de fadas?
Sim Não

2. Alguém já leu um conto de fadas para você?
Sim Não

3. Consegue lembrar de algum personagem de um conto de fadas? Qual(is)?
Mateusela, Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho

4. E das histórias? Consegue descrever brevemente alguma?

5. Você já leu algum livro (contos de fadas, HQs, Gibis, etc.)?
Sim Não

6. Na escola, você gosta de realizar leitura com os professores? Por quê?
Sim Não
Porque, _____

7. Em casa, você costuma fazer alguma leitura?
Sim Não

8. Você acha que tem dificuldade em realizar leituras (seja silenciosa ou em voz alta)?
Por quê?
Sim Não
Porque, Vergonha

Fonte: Pesquisa de campo (2023).

Em geral, os dados obtidos com a aplicação do questionário mostraram que os estudantes têm um certo receio de realizar leituras e pouco conheciam o gênero contos de fadas. Além disso, a partir das respostas coletadas, fora possível ter um panorama sobre como as crianças recepcionariam esses textos literários, numa versão diferente das quais eles provavelmente tiveram contato.

Na semana seguinte fora aplicado o PE na turma.

Sendo assim, desenvolvi, sob orientação e supervisão da professora dra. Renilda Bastos, minha orientadora, uma Sequência Didática, como Produto Educacional, voltada especificamente para o 6º ano do ensino fundamental e que sustentasse uma abordagem literária a uma série que “vê” a literatura apenas diluída nas aulas de Língua Portuguesa, levando em consideração que

O compromisso com a língua materna não se restringe apenas ao cuidado com a fala e a escrita, mas, também, com a preservação da cultura, dos costumes e tradições que dela derivam e devem ser transmitidos às futuras gerações; e esse compromisso deve ser assumido pela escola (MORETTO; FEITOZA; BUENO, 2020, p. 73).

A aplicação do PE durou cerca de dois meses, pois as atividades eram feitas semanalmente, com duração de duas aulas de cinquenta minutos. O período em que ocorrera a aplicação do PE fora do dia dez de maio a vinte e oito de junho de 2023, às quartas-feiras.

Na primeira atividade, a qual eu intitulara como “Conhecendo o gênero textual “Conto de Fadas””, comecei escrevendo no quadro a expressão “Conto de Fadas” e levantei alguns questionamentos sobre o que era, quais eram os personagens, o que acontecia nesse tipo de narrativa, onde, normalmente, as histórias se passavam etc. Quando fiz o primeiro questionamento, apenas um aluno levantou a mão e respondeu “é histórias de princesas e príncipes”. A partir dessa resposta, outros alunos começaram a elencar outros elementos da estrutura da narrativa, como “e no final, eles vivem felizes para sempre”, “tio, tem bruxa também”, “tem a chapeuzinho vermelho e o lobo mal”, “tem aquela que tem um cabelão, e que o príncipe segura nele para subir no castelo” ... foram muitas respostas, mas teve uma muito pertinente: “tio, essas histórias são chatas”. A aluna que dera essa resposta se justificou dizendo que eram histórias de criancinhas. Minha reação, na hora, fora dizer que iríamos estudar os contos de fadas de uma maneira diferente. Dando prosseguimento, pedi para que eles dissessem os nomes dos contos de fadas que conheciam, para que eu pudesse enumerá-los no quadro, utilizando o pincel marcador de quadro branco, e daí surgiram diversos nomes: “*Chapeuzinho Vermelho*”, “*A Branca de Neve*”, “*Cinderela*”, “*A Bela Adormecida*”, “*Enrolados*” (filme dos estúdios *Disney* que apresenta uma releitura do conto de *Rapunzel*), “*O Patinho Feio*” e “*Os*

Três Porquinhos”. Perguntei, ainda, se conheciam o “*Gato de Botas*”, quase a turma inteira conhecia apenas do Filme “*Shrek*”, da *Dream Works*, ninguém conhecia o conto. Perguntei, também, sobre a “*Sereiazinha*”, imediatamente uma aluna interpelou se era “*A Pequena Sereia*”, e eu disse que sim. Outra aluna citou “*Moana*” (outro filme dos estúdios *Disney*), então respondi que “*Moana*” era uma animação, mas que não fazia parte do que iríamos estudar (ainda que a narrativa apresente as etapas descritas por Propp (1997)¹³, as quais os contos de fadas normalmente apresentam: travessia, encontro, conquista, celebração). Assim que elenquei os contos citados pelos alunos, eu apresentei algumas ilustrações feitas por Gustave Doré para os contos de fadas do Perrault, e pedi para que eles analisassem e dissessem, em seguida, de quais eram os contos. Os únicos identificados foram a “*Chapeuzinho Vermelho*” e o “*Gato de Botas*”. Percebi de imediato que a turma estranhou aquelas ilustrações, pois esperavam imagens mais “açucaradas”, “infantis e coloridas”, tais como conheceram no passado. Além disso, era nítida a empolgação dos alunos após a apreciação das ilustrações. Finalizei, então, essa primeira atividade explicando que eles iriam estudar os Contos de Fadas em suas versões originais.

Na segunda atividade, “Um pouco mais sobre o gênero textual “Conto de Fadas””, eu levei alguns livros de contos de fadas e coloquei sobre a mesa do professor. Dirigi-me até o quadro e relembréi os contos de fadas que havíamos visto aula anterior. Em seguida projetei na lousa um pequeno vídeo que explicava alguns elementos das narrativas dos contos de fadas, e pedi para os alunos prestassem bastante atenção, pois faria perguntas. Ao término do vídeo, perguntei sobre o que eles haviam acabado de assistir, e baseado nas suas respostas, coloquei alguns elementos da narrativa na lousa. Em seguida, peguei um dos livros que estavam sobre a mesa e li para os alunos o conto “O Pequeno Polegar”, de Charles Perrault. Ao fim da leitura, alguns alunos compararam a narrativa a filmes de terror. Depois do momento de diálogo, pedi para eles respondessem: Quais eram os personagens? Onde se passa a história? A história tem um tempo cronológico ou psicológico? Qual é o clímax? O que acontece no final da história? E surgiram inúmeras respostas, fazendo com que a turma participasse ativamente da aula.

Na terceira atividade, “Oficina de leitura literária dos Contos de Fadas (parte I)”, eu dividi a turma em seis grupos contendo quatro alunos, um dos grupos ficou com cinco integrantes. Cada criança do grupo recebeu um conto de fadas. Orientei que fizessem a leitura de forma silenciosa, para que se concentrassem e entendessem a história, pois eu iria fazer perguntas. Assim que todos do grupo terminassem a leitura, deveriam trocar de contos e ler por completo a nova história. De quando em quando, tirava algumas dúvidas acerca do significado

¹³ Propp, Vladímir. **As Raízes Históricas do Conto Maravilhoso**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

de algumas palavras. Ao final do tempo, disse que as perguntas ficariam para a próxima aula. Cabe ressaltar que, por não haver vinte e cinco livros, levei impresso, em forma de apostila, alguns contos, a fim de que a atividade contemplasse a todos. É importante informar que recomendei aos alunos que assistissem ao filme *Shrek* (1 e 2) para que vissem a representação incomum de alguns personagens dos contos de fadas que estávamos estudando.

A quarta atividade, “Oficina de leitura literária dos Contos de Fadas (parte II)”, ocorreu como na atividade anterior, com os alunos divididos em grupos, mas com um diferencial: levei muitos contos de fadas, um diferente do outro (utilizando os contos compilados ou produzidos por Charles Perrault, os irmãos Grimm e Hans Christian Andersen), deixei todos sobre uma mesa grande e cada aluno pôde escolher o que queria ler, mas novamente foi necessário lembrar que essa era uma atividade silenciosa e que ao final teriam perguntas. Assim, cada estudante pegou seu conto e foi ler. É importante deixar claro que nesses dois momentos de atividade, os alunos puderam levar para casa seu conto de fadas, a fim de que lesse (caso não tivesse terminado) ou compartilhasse com alguém que quisesse. Próximo do término do tempo, perguntei para alguns alunos sobre qual era a história que eles haviam lido, quem eram os personagens, o que acontecia na trama e como terminava. Todos ficaram muito empolgados para participar e responder às perguntas.

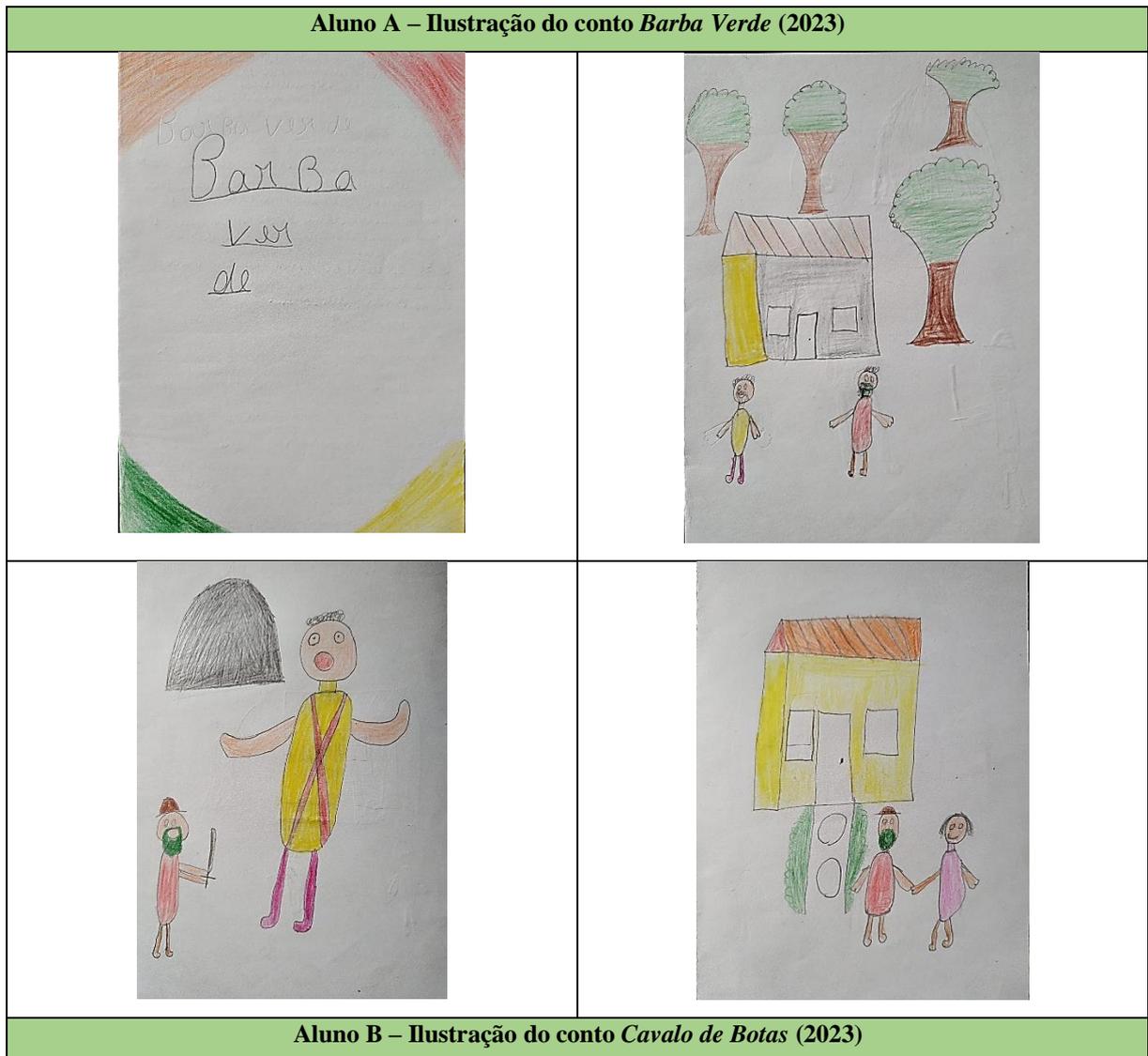
Na quinta atividade, “Igual à Perrault, Grimm e Andersen: Momento de produção textual do gênero “Conto de Fadas””, solicitei aos alunos a produção textual de um conto de fadas, mas ressaltei que eles deveriam criar seus próprios contos. Como alguns alunos não conseguiram terminar a tempo, permiti com que eles levassem para casa, terminassem a história e me entregassem no dia seguinte. Ao término, os alunos me entregaram as produções textuais dos seus contos de fadas. O quadro 02 apresenta duas produções textuais feitas pelos alunos durante a aplicação do PE.

Quadro 02 – Produção dos Contos de Fadas

Aluno A – Conto: *Barba Verde* (2023)

Na sexta atividade, “Como Gustave Doré: Momento de produção semiótica do gênero “Conto de Fadas””, solicitei, dessa vez, que os alunos produzissem as ilustrações dos seus contos de fadas, assim como fez Gustave Doré, mas com um diferencial: podiam usar as cores que quisessem. Para fazer essas ilustrações, indiquei que fizessem uma, duas ou três imagens, sendo, talvez, uma para o início, o meio ou o fim. Ao término, os alunos me entregaram as produções semióticas dos seus contos de fadas. Exemplificando, O quadro 03 apresenta as ilustrações de dos contos *Barba Verde* (2023) e *Cavalo de Botas* (2023).

Quadro 03 – Ilustrações dos Contos de Fadas





Fonte: Coleta de dados produzidos pelos alunos (2023).

É possível afirmar que, além de acompanhar o texto, as ilustrações apresentam uma determinada ação ou acontecimento da narrativa. Todos os alunos fizeram três ilustrações, para o início, meio e fim da narrativa.

Na sétima atividade, “Revisão sobre o gênero textual “Conto de Fadas””, optei por rever o conceito de Conto de Fadas, além da estrutura desse gênero textual, sempre relacionando esses elementos a partes de um texto, no caso, optei pelo conto “O Pequeno Polegar”. A outra parte do tempo foi destinada à leitura, mas dessa vez, perguntei para a turma quem gostaria de ler um conto em voz alta, para todos ouvirem, vários se prontificaram, mas tive de escolher apenas três alunos para lerem um conto de fadas. Informei, ainda, que no próximo encontro faríamos a avaliação.

Na oitava e última atividade, “O que nós aprendemos? Avaliação”, informei que teríamos a avaliação sobre o que aprendemos. Optei por avaliá-los de maneira escrita, montei um questionário-prova com perguntas objetivas e subjetivas, nas quais pude identificar o quanto avançamos em relação ao conteúdo. Assim que todos terminaram e entregaram os

questionários, levantei algumas questões sobre os contos de fadas: Perceberam que os Contos de Fadas Clássicos são diferentes do que nós já conhecíamos? De quais contos vocês gostaram? Os Contos de Fadas sempre terminam com finais felizes? Por meio da oralidade, além das respostas por escrito, os estudantes puderam mostrar o que aprenderam sobre esse gênero textual.

Ao passo que as aulas/oficinas/atividades aconteciam, vários alunos adquiriram livros de Contos de Fadas de Charles Perrault, Grimm e Andersen, além de outros livros de outros gêneros, para desfrutarem da leitura em casa e para trocar informações sobre as histórias, pois ficaram motivados com a metodologia utilizada. Alunos que antes tinham vergonha de participar durante as aulas, após a aplicação do PE, soltaram-se mais. Nos corredores da escola, alguns alunos que estavam na aplicação do PE, comentam sobre alguns livros, e, em alguns casos, pedem sugestões de leitura. Sendo assim, para alguns alunos, o PE proporcionou a abertura da porta para o universo da Literatura.

6. E viveram felizes para sempre

A investigação que embasou esta pesquisa buscava corroborar com o processo de letramento literário por via dos contos de fadas clássicos, tendo como auxílio uma Sequência Didática como Produto Educacional do mestrado profissional.

Conforme exposto, para as crianças, os contos de fadas representam o limiar entre o real e o maravilhoso, uma vez que o folclore, de onde nascem os contos de fadas, é a representação maravilhosa da realidade.

Ainda que a literatura seja negligenciada no Ensino Fundamental é preciso que o trabalho com o texto literário vá além das leituras e análise de excertos descontextualizados em livros didáticos e/ou na lousa, uma vez que essa maneira tradicional de ensinar literatura em nada contempla o texto propriamente dito, suas mensagens, seu sentido é totalmente deturpado. Assim, faz-se necessário um trabalho diferenciado para que o aluno não crie uma aversão à leitura literária.

É nesse sentido que entra o letramento literário como uma prática contínua, pois tendo o material didático-metodológico necessário e a mediação do professor, esse processo poderá se tornar prazeroso, desde que respeitado os limites e as dificuldades que os alunos possam apresentar, uma vez que o desenvolvimento dessa prática varia de acordo com o indivíduo. A leitura do texto literário deve ser prazerosa, sem data de validade, sem cobranças, cada um no seu ritmo, permitindo com que o aluno se encontre na leitura.

Além da leitura, é contemplada a escrita, bem como a compreensão dos mecanismos discursivos presentes nos textos e que auxiliarão na formação integral do aluno.

No tocante à literatura infanto-juvenil, O PE possibilitou o contato com as versões originais dos contos de fadas clássicos, que por sua vez abrangem uma ampla parcela da literatura, visto que tudo que se conhece na atualidade como “Literatura” surgiu a partir das poéticas da oralidade. Ele também contribuiu para o processo de ensino-aprendizagem, ao proporcionar para o professor uma possibilidade de trabalhar a literatura e principalmente o texto literário na íntegra, sem atribuir sentidos errôneos e/ou equivocados aos contos de fadas.

É importante destacar que o processo de letramento literário é difícil, porque formar cidadãos leitores em uma sociedade não letrada demanda muito trabalho, contudo é uma tarefa muito prazerosa, uma vez que recompensa por esse esforço do professor é evidenciada quando o aluno consegue prosseguir sua caminhada no universo da literatura, tornando, então, o texto literário um aliado em sala de aula e no processo de ensino-aprendizagem. Ademais, cabe ao professor reinventar suas metodologias de ensino da Língua Portuguesa e da Literatura, e em alguns casos, de Redação, para que não se ressinta do tradicionalismo, mas torne suas aulas mais atrativas, prazerosas e criativas.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BASTOS, Renilda Rodrigues. Literatura Infantil: Uma leitura da história. **Sentidos da Cultura**. Belém, n. 2, jan-jun, 2015, p. 65-80.
- BUENO-RIBEIRO, Eliana. Traduzir Perrault: Uma Viagem à França do Fim do Século XVII. IN: **Contos de Charles Perrault**. Ilustrações de Gustave Doré. São Paulo: Paulinas, 2016.
- COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas**. São Paulo: Ática, 1987.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- DURÃO, Fabio Akcelrud; CECHINEL, André. **Ensinando literatura: a sala de aula como acontecimento**. São Paulo: Parábola, 2022.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

NÓBREGA, Lyéde Ruggero de Barros. **Educar com Contos de Fadas: vínculo entre realidade e fantasia.** São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola.** São Paulo: Global, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura.** São Paulo: Editora Ática, 1989.